

## TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

## EQUÍVOCO

Andréa de Cássia Jardim Rehm<sup>1</sup>

O ar estava impregnado de odores burlescos. Se, ainda, houvesse a possibilidade de falar de uma Babel onde, aparentemente, tudo é inteligível e, ao mesmo tempo, caótico, nesta época da imperatriz chamada “Globalsimultânea”, a ideia de se erguer até o alto ainda persistiria no homem, mas agora ele não almejaria tocar, mas ser Deus. Na ignorância na qual me embriago a toda hora, achei que eram línguas estranhas de povos ambiciosos. Seria um momento da tal pós-contemporaneidade? Afinal, era a aula *Magna*, a gênese bíblica para os discípulos, bixos, do novo ano acadêmico, o local, ou melhor, o instante em que encontrei minhas amadas crianças.

Ora, ora, não posso me perder mais em descrições, pois o que interessa é Eduardo e, talvez, Ângela. Minha grande amiga estava lá, ali, acolá. Estava no epicentro da torre. Será que entendia as línguas ao seu redor ou ao menos os próprios pensamentos? Ah, as indagações sem sentido abandonavam Ângela ao seu destino avassalador de quem, embora mostrasse um ar blasé, em seu âmagô, estava faminta e sedenta de algo novo, esteticamente não descoberto. Como se isso fosse possível! Ver e sentir o que nunca foi visto ou sentido ou pensado. Que lindo! A ilusão adolescente se esfacela com uma única gota de esclarecimento aleatório, porém verdadeiro, sem retoques, em uma página qualquer ou mesmo em uma palavra descuidada de um mestre ou de um malvado escultor de mentes. As lágrimas estavam prestes a serem derramadas. Ela tentava escondê-las em uma risada que soava ironialegre.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras. Aluna do Doutorado em Letras, área Literatura Comparada, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [deiarehm@gmail.com](mailto:deiarehm@gmail.com)

## TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

- O que sou? O que sou? O que sou? O que sou? Amém. – Era a prece monótona da menina.

O doce Eduardo a chamou de seu cantinho escondido perto da parede.

- Ângela.

Ela ensaiou um sorriso para a multidão devoradora. O radar localizou a fonte da música soando como seu nome. Olhou para o rapaz tímido e respondeu com a santa invenção dos jovens:

- Oi.

- Então, assististe a aula de lingüística algébrica trigonométrica geneticista? Insistiu o audaz e apavorado Eduardo.

Meio desorientada pelos múltiplos estímulos, ela respondeu sem pensar.

- Sim. O professor é da hora, não é?

Seria, se existisse tal disciplina. Quem sabe no futuro? Por que o garoto não falava? Seria timidez ou constrangimento espacial. O tempo não existe, mas Eduardo não sabe, então após algumas eras, finalmente, ele mudou a tática do humor para o ataque frontal.

- Sou eu, o Eduardo da primeira aula de hoje. Lembras?

- Claro.

Era óbvio que o cara de triste olhar bifocal, sério e sem desenvoltura não constava na lista mental desordenada da musa.

- Não importa. Pensou Eduardo consigo mesmo. O que tinha a perder? Nada. Estava perto da menina. O ar deixou-se ficar menos saturado. Os olhos clarearam da fumaça oriunda das peles ao redor. Eduardo chegara ao ponto em que tem que ir em frente ou se transformaria em uma merda ambulante, fedendo seu medo, urinando sua perda.

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

- Pô, chegara à faculdade e, devia continuar agindo como a pessoa que sempre insistia, mesmo sem entrar no palco das representações. Eduardo pensou com o cenho franzido para a algazarra que o cercava.

- Dá prá gente falar no bar? Eu tava pensando em ti convidar para uma coisa.

- É mesmo? Ângela olhava enlevada.

- É legal conhecer gente diferente, não é? No cantinho do cérebro, Eduardo discute: -Putz, só clichê, tô que é uma anta. Até o que falo tá degradingolando.

Se não fosse uma atitude arrogante, eu concordaria, mas o Eduardo não é medíocre assim.

- É....

Ah, Ângela, se esquecesse de pensar. Minha querida tinha tanto a oferecer e só precisava de uma ajuda. Eu te amava em demasia, criatura angelicamente caída.

Eduardo perdia terreno, mas não esmorecia frente o silêncio dela. Pensava, simultaneamente, em como prender a atenção da garota e em como arrancá-la da Babel. Afinal as batalhas eram vencidas com persistência e coragem. Não se deixou abater pelas respostas monossilábicas, talvez porque fosse a linguagem dos jovens, um vocabulário extenso de palavras solitárias. Ele é o próprio príncipe encantado nas fábulas, não é mesmo? Salva a mocinha do dragão do lugar comum.

Enfim, minha menina tomou fôlego e alento.

- A gente vai fazer uma reunião lá em casa. Queres conhecer? Tu não é daqui? Não te conheço, né?

Pela primeira vez, Ângela olhou detidamente para a criatura que estava postada insistentemente a sua frente. Achou a cena curiosa e resolveu descobrir quem era o rapaz. Parecia algo novo diante do marasmo da superficialidade que a entediava no momento. Seria um caminho?

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Eduardo sorriu seu riso contido e disse o nome da vila em que morava.

- Sou bixo e estou descobrindo as pessoas daqui. Não tem ninguém que eu conheça. Moro longe. Pego dois ônibus e ninguém do meu bairro está aqui.

- Ei, tu moras perto do tal “Buraco Quente”? É muito violento lá?

Ai, meu final feliz estava ameaçado! A juventude não sabe ser diplomática em sua curiosidade, somado ao ânimo desconfiado e defensivo dá caldo entornando.

- Não é assim... Tem gente que trabalha e leva a sua vida, enquanto outros se viram, mas todos são amigos e cuidam uns dos outros.

Senti a animosidade ganhar o espaço da admiração e a raiva começou a substituir a tesão em meu Eduardo. Ângela, descuidada como sempre, lançara suas questões com inocência grosseira.

- Gente, que coisa. Nunca pensei nesses lugares direito, só vi pela televisão. Onde tu estudou? Passou bem no vestibular?

- Minha escola ficava perto de casa. Os professores viviam reclamando da falta de condições e faltavam muito. Mas eu terminei. Meus irmãos desistiram. Mas o que te interessa a minha classificação, tá duvidando?

A conversa estava indo além do que Eduardo previra. A garota o colocara sob o microscópio. Se soubesse não a teria abordado. Ele só queria alguém para andar ao lado. As perguntas se precipitaram. O que ela poderia querer do seu histórico pessoal. Não era melhor falar trivialidades antes de contar a história triste da vida de cada um como fazem os mais velhos?

- Olha só, somos da mesma idade, vamos falar de nossos interesses, tomando um refri? Ou tu tá querendo me diminuir?

O Eduardo alternava ira com teimosia, mas empacara em querer a menina. Enquanto isso, Ângela estava assustada com a veemência do rapaz. Não sabia lidar com um

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

tom passional assim. Vivia na superfície de tudo. Gostou dele e acordou um pouquinho do sono que a dominava.

- Ai, sei lá. Minha turma tá me esperando. Qual é o teu curso?

- Medicina.

- Humm?

- Sim, fui bem nas provas, viu!!! Sua patricinha de merda.

Nesse ponto, a musa passou à medusa com suas insinuações flagrantes para os ouvidos sempre prontos para o pior de Eduardo. Desconfiado, não entendia como o papo havia chegado a este ponto e o porquê de se descontrolar assim. No entanto, os pés estavam plantados no chão.

- Ah, tá. Por que tá me rotulando assim, cara? Não fiz nada. Estou pensando...

- Tá me julgando? É contra? Sabe alguma coisa sobre a história dos negros no estado?

- Calma. Não falei nada. Eu nem faço o teu curso. Tu que me procurou e, principalmente, pára de ser grosso. Quero saber ...

- Acho que tá sendo preconceituosa. Tu não sabe nada da vida real, da história. Ele não deixava a menina terminar suas débeis frases de criança.

Ângela, muda, perdeu o chão. O que havia acontecido? Será que fizera isso? Era assim? Não sabia mesmo, por que ele não estendia a mão em seu auxílio. Ele não a vira realmente? Ficou encarando Eduardo como se as respostas fossem brotar daquela boca de belos lábios comprimidos. Estava irremediavelmente perdida. Não adiantava argumentar, mesmo porque não sabia como fazê-lo, com atingí-lo.

Eduardo se controlou e se despediu, com a libido anulada.

- Vê se me erra.

**TRAVESSIAS ED XIII**

**ISSN 1982-5935**  
**revistatravessias@gmail.com**

Não poderei vos poupar de um chavão, então aí vai: a vida é engraçada. O Eduardo só queria um flerte inconsequente, um riso frouxo, uma amiga bonita. Ângela não tinha ideia pré-concebida, ela estava só repetindo fórmulas sem saber o seu destino. A menina não tinha noção do que deixara suspenso no ar e que fizera Eduardo se sentir tão ferido. Os bem jovens não eram todos engajados em slogans humanitários, igualitários, ou seja, lá o que for. Nem todos queriam lutar por uma causa ou, por outro lado, viver na alienação. Eduardo e Ângela se perguntaram, se buscaram em uma viagem interna de quem tinha pouca bagagem própria. Tudo que estava lá era contrabando ou importação lícita, frustrando os tolos que buscam ecos de palavras. Rapidamente, perderam a oportunidade. A tristeza me invadiu. Fim do discurso chavão. Continuei um pouco mais com Eduardo, por que era mais promissor e menos depressivo estar com ele. Todos aspiram ao contentamento.

- Oh, Duda, tu tem que tê atitude, o cara, senão os bacaninha vão te fazê de bobo. Escuta o mano veio, meu. Porrâ, tu vai sê médico, tem que se impor..

É o Dentinho, irmão mais velho do Eduardo. Uma boa alma o Dentinho, mas não acredita que o irmão vá conseguir enriquecer como profissional da saúde. É um curso caro que não permite outras atividades. E ele sabe que o Duda não participa das atividades da família. O máximo que o Dudinha faz é guardar as armas entre os livros na caixa fechada em seu quarto depois de uma empreitada mais conturbada dos irmãos. O que nasceu antes admira o mais jovem. Na verdade, é um orgulho que aquece e anima. Ninguém, ali, passou dos fundamentos da leitura. Apesar disso, Eduardo era muito curioso e ávido leitor de tudo que lhe caísse nas mãos. A biblioteca itinerante já podia passear porque não havia nada novo. Assaltando os livros que, porventura, achasse por acaso ou em alguma biblioteca pública, o jovem percebia cada vez mais dúvidas. A busca de respostas desembocou no vestibular e, para espanto de todos, Eduardo foi aprovado. Foi uma festa no gueto. Tímido, Eduardo pedia contenção.

E ela?

# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

Ângela, por sua vez, não queria decidir nada ainda. Os doces suspiros das festas, as danças animadas. As pessoas bonitas que a cercavam com um cem número de não palavras. As cores, a música e a asséptica vida suburbana de classe média a enlevavam. O seu desfrute é o telefone para repassar mil vezes a superficial vida de quem não se dá conta ou não quer ultrapassar o banal, presa na estagnação e no sem sentido de evitar os não lugares da cidade ou da própria mente. Ela é uma boa menina. Atenciosa e diligente não titubeou quando o pai sugeriu que cursasse a faculdade de Direito.

- Depois serás juíza. Claro.

Julgue-me, se for capaz, e atire a primeira bolinha de papel quem nunca desejou se afastar de um não ser. Eduardo não vira nada e poderia ser uma história tipo: eles se amam e, depois, tranquilamente se desamam e partem para um relacionamento novo, sem veneno, punhal ou bala de revólver. Ângela estaria salva.

O que aconteceu, então, com Eduardo e Ângela?

Passavam um pelo outro e os olhares eram de estranhamento.

- Bostinha de guria!

- Grosso. Burro metido.

Um traço de pessoa que compunha o Eduardo era a obstinação. Posteriormente, na vida adulta, com a nova roupagem e atual nomenclatura o chamam de determinado. São sinônimos, não é? Ele também parecera não ter mudado, mas à medida que ele concilia, com mil malabarismos, a vida acadêmica, o sustento em bicos obscuros, a simpatia da comunidade, a admiração do irmão, Eduardo atingiu seu objetivo. Então, ele mudou. Ele não era mais meu meigo Eduardo. Eu o abandonei. Ah! A covardia me invadiu. A quem recorreria? Meus amores estilhaçados, meus valores fragmentados.

Não queria ver Ângela de novo. Tinha tanto medo e amor. Mas, como uma mariposa, a luz me atraiu para Ângela. Eu a encontrei como uma desertora. Os cabelos desfeitos, os olhos sem luz e a boca desaparecida. A beleza dela era etérea. Não tivera sorte



# TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com

ou piedade; vi em seus olhos, em seus traços. Não encontrara a vida. Não conseguira respostas. Os pais a desapontaram. Ela desapontou os pais. Buscara arduamente pela Ângela perdida, mas cansara. Corri, em desespero, para um refúgio sem Ângela e sem Eduardo. Não queria mais essa brincadeira, teatro fraco e sem gosto.

Deixei as gentes em suas solidões. Encontrei um amor cibernético. Ele não sofre e não atrai a dor. As últimas notícias que tive dos meus queridos não foram melhores do que o ânimo de quem as recebeu.

O tempo escorreu na ampulheta e não foi percebido. Uma noite dessas, em um raro passeio, presenciei, talvez porque tenha buscado, inconscientemente, mais uma vez, meus amados.

Estavam juntos, ou melhor, no mesmo ambiente de novo. Não perdi, ainda, o velho hábito de observar ao redor.

Naquela madrugada, Eduardo encontrou, durante um plantão na emergência do hospital em que estava trabalhando, Ângela. Ela estava muito ferida. Fora vítima de uma metralhadora de antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos e outros anti. Os projéteis fizeram estragos irreparáveis, que o corpo alcoolizado não conseguia combater. Mesmo assim, reconheceu Eduardo, depois de tantas andanças e não-vida. Repentinamente, sóbria e limpa, ela sorriu. E como se tivesse acontecido no dia anterior, falou:

- Desculpa Eduardo. Eu não entendi.

Minha intraduzível Ângela morreu sem achar consolo para o que a consumia.

A enfermeira perguntou se a moça morta era paciente dele. O doutor responde rapidamente, pois tinha muitos pacientes esperando:

- Nunca a vi antes.

As pessoas murmuram em altos brados e com ares místicos que não existem coincidências. Tudo é possível, por que tudo pode, ou não, ser apenas um equívoco. Não choro mais pelos meus antigos amores.



TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935  
revistatravessias@gmail.com